

Paulo Bertran

df-

# As eleições - 9 NOV 1986 em Brasília

Brasília vai mostrar pela primeira vez, explicitamente, o seu perfil político e sociológico, isto é, vai votar.

E começa a fazê-lo com originalidade, abusando da multiplicação de pequenos partidos, o que indica um tecido social destituído de autoconhecimento e de mecanismos partidários e que se comporta ainda desagregadamente.

Em parte isso se deve ao fato de ser esta a primeira eleição do DF, em parte ao espírito corporativista e bairrista que presidiu à emergência de um bom número de candidaturas.

Em razão do pequeno número de eleitores, o lançamento de candidatos fez-se em parte pelo fator conhecimento pessoal e em parte pelo envolvimento de comunidades e corporações. No primeiro caso, tem-se o exemplo dos ex-administradores de cidades-satélites e de ex-membros do GDF bem como, radialistas e apresentadores de TV; no segundo, o dos políticos de extração corporativista, classista ou até mesmo círculos de conterrâneos ou religiosos, como as associações profissionais, sindicatos, clubes, igrejas, etc. Nesse último caso, o atual confronto eleitoral entre candidatos de uma mesma corporação apenas traz à público lutas políticas mais antigas.

Esses dois tipos de candidaturas, o derivado do exercício do aparelho de governo e o da função de liderança corporativista são os que a longo prazo devem plasmar a base do tecido político de Brasília. Pode acontecer que ainda não se imponham nesta primeira eleição, devido à fragmentação e baixo quociente numérico dos grupos eleitorais. No futuro, porém, nascerão ai os próximos vereadores e deputados estaduais, caso a Constituinte crie esses mandatos eletivos. É o que se chama investimento de longo prazo, compensando o custo de candidaturas visivelmente destinadas ao fracasso neste pleito.

Finalmente existe um terceiro padrão de candidaturas que se funda nos méritos da plutocracia e que, à força de muito dinheiro para manutenção das máquinas partidárias e dos espaços pessoais, podem considerar-se globais, na medida em que extrapolam os círculos corporativistas e bairristas. Desses últimos porém, a burguesia não pode prescindir a longo prazo, ao mesmo tempo em que o custo de futuras carreiras políticas nesses círculos demandarão os recursos financeiros da plutocracia, fechando-se a corrente de comprometimentos entre as classes ricas e as lideranças de base.

É o que provavelmente deve ocorrer e consolidar-se em outras eleições, quando já não for tão desconhecido o exercício da democracia no Distrito Federal.

JORNAL  
DO BRASIL